

O ROMANCE DA REVOLUÇÃO DAS LETRAS

Capítulo primeiro

A ORDEM ALFABÉTICA (TANTO FAZIA...)

Desde pequenas que ensinavam às letras a ordem alfabética. Quando elas perguntavam às letras grandes porque é que os ás haviam de ser sempre os primeiros e os zês sempre os últimos, e não outros (por exemplo, os pês os primeiros e os tês os últimos, ou os ésses ou os jotas, ou outros quaisquer), as letras grandes diziam-lhes que tanto fazia. Na verdade, tanto fazia; mas o facto é que os ás é que eram sempre os primeiros e os zês sempre os últimos...

Capítulo segundo

AS CONTAS DAS LETRAS

Mas havia mais: havia duas espécies de letras, as vogais por um lado, que eram só cinco, e as consoantes — a chamada "esmagadora maioria" — do outro lado. As privilegiadas eram as vogais. Na palavra privilegiado, por exemplo (isto eram as contas que as letras faziam), só os ia apareciam três vezes e o a uma e o e e o o também uma cada um; e embora a palavra privilegiado tivesse na sua Constituição seis vogais e outras seis consoantes, das vogais só ficava de fora o u (uma semivogal!), ao passo que das consoantes ficavam de fora ao todo 13!

E na palavra trabalhar já era o contrário: havia seis consoantes e só uma vogal, o a, que andava de uma sílaba para a outra para parecer que havia lá muitas vogais a trabalhar...

Capítulo terceiro

O SCRTRD

Enfim, a certa altura, com o auxílio dos amigos números, todas as letras começaram a fazer destas contas à vida delas.

As vogais podiam entrar em toda a parte, quer dizer, em todas as palavras, e até tinham palavras só para elas, e as consoantes não; algumas consoantes, praticamente, nem entravam em palavras nenhuma, como o xia, ou o quê. (E com as palavras era o mesmo, porque havia palavras que nem sequer havia, como a palavra migolo ou a palavra lipa, e outras que só havia lá fora, como a palavra pouce ou as palavras Winston Churchill).

A televisão e os jornais começaram a fazer reportagens e a ouvir as queixas das letras. Ao mesmo tempo, as consoantes começaram-se a organizar, constituindo-se em scrtrd, que é um secretariado só constituído por consoantes.

Os jornais descobriram dramas terríveis em algumas frases. Numa frase havia um cê de cedilha e um dê muito amigos e que não podiam encontrar-se para conversar senão às escondidas, porque se metia sempre uma vogal no meio deles, como, por exemplo, o i que se metia sempre no meio deles na palavra metediço. (Por causa do formato do pau do i e da pintinha de cabelo em cima e por se estar sempre a meter no meio tinham posto ao i a alcunha de "pau de cabeleira").

Aliás, as vogais tinham tanto medo das consoantes — que eram muitas mais — que só muito raramente as deixavam andar juntas e só às de mais confiança como o agá, que era meio vogal...

Capítulo quarto

A REVOLUÇÃO DAS LETRAS

Até que, um dia, o dono do alfabeto, que era quem escrevia com ele, reuniu os seus gramáticos e disse:

— Façam qualquer coisa senão as letras revoltam-se. Ainda fazem alguma cooperativa e começam a escrever sozinhas.

Mas por mais leis que os gramáticos fizessem nunca mais conseguiram meter as letras na ordem alfabética. E depois das letras revoltaram-se as palavras, e depois os livros, e depois as bibliotecas, e depois tudo.

O Tê-Pluquê

O regresso...

Romance da Revolução dos....

O Tê-Pluquê

A Floresta das Adivinhas

O TÊPLUQUÊ

Era uma vez um menino que tinha um defeito de pronúncia. Não era capaz de dizer tê; dizia quê. Trocava o tê pelo quê. Trocava o têpluquê. Em vez de dizer tasa como toda a gente, dizia casa; em vez de dizer tão, dizia cão; em vez de dizer tapete, dizia carpete (às vezes deixava uns tês para trás, deixava uns quês para crás); e assim por diante: em vez de dizer tábua, dizia cábua; em vez de ~~se~~ dizer lu, dizia (rabo); em vez de dizer Tomé, dizia Comé; em vez de dizer taxímetro, dizia caxímetro, etc. (em vez de dizer etc., dizia ecc.).

Esta história (em vez de dizer esta história, dizia esta escória) tem uma moral, é das que têm: é que todos os defeitos de pronúncia (como os outros defeitos todos, há uma história para cada defeito), defeitos de pronúncia têm também virtudes de pronúncia, senão eram defeitos perfeitos. Ao menino, como a toda a gente que tem defeitos de pronúncia, ENCARAMELAVA-SE-LHE a língua; este menino tinha sorte porque, como as letras dele eram o tê e o quê, a língua ENCARAMELAVA-SE-LHE e o menino gostava muito (gostava muito).

A FLORESTA DAS ADIVINHAS

No meio da Floresta
havia uma adivinha.
Quem a adivinhava voltava para casa,
quem não a adivinhava nunca mais vinha.

A Sara gostava muito da casa
mas ainda gostava mais de adivinhas,
meteu-se pela Floresta sem nenhum receio
e só parou mesmo lá no Meio.

Vê se és capaz de adivinhar esta,
disse-lhe o Homem Mau Dano da Floresta:
Adivinha se vais voltar para casa ou se não
se vais ficar aqui para sempre presa ao chão.

A Sara também gostava muito das árvores
mas não queria ficar ali para sempre a arborizar!
Antes queria ficar menina e falar e andar
e ter as pernas soltas para saltar.

Se dissesse que ia voltar para casa
o Homem Mau dizia-lhe que não,
que ia ficar ali presa na Floresta,
e ela ficava mesmo porque não tinha adivinhado a adivinha.

Vais-me prender, disse então a Sara, e o Homem Mau
ficou muito atrapalhado com a resposta,
porque se a prendesse ela adivinhava e tinha que ir para casa
mas se fosse para casa não tinha adivinhado e devia ficar pre

A adivinha ainda podia ter solução
mas a resposta da Sara é que não.

E o Homem Mau pensava no assunto com toda a força que tinha
a ver se adivinhava como resolver a resposta à adivinha.

E tantos pensamentos o Homem Mau pensou,
encheu a cabeça com tantos pensamentos que chegou
uma altura que já lá não cabia mais nenhum
e quando ele pensou em mais outro, a cabeça, pum!

.../...

Quem diz que se pode pensar muito
e que os pensamentos não ocupam lugar
de certeza que nunca pensou muito no assunto
se não também acabava por rebentar...

A Sara libertou as árvores e nós ficamos a saber
que uma maneira de ganhar também é forçar
as homens mais densas das coisas a perder.
(Se calhar não é nada disto mas também pode ser...)

Manuel António Pina

in O TÊPLUQUE /Ed. A REGRA DO JOGO

2.4.01.81

MANUEL ANTONIO PINA

1948

4.1.1981

Meu caro Jorge:

Deves estar (espero eu) magoadíssimo comigo (se não estivesses ficava eu magoadíssimo contigo), porque seria sinal de que não me ligas pèveda (é a primeira vez que escrevo esta palavra, nem sei se ela existia antes de eu a ter escrito!) Peço-te que me dediques a boa acção de hoje e não leves a minha ausência de notícias à conta senão de negligência, da minha maldita negligência que me obriga a estar constantemente a pedir desculpa aos amigos.

Nós por cá todos bem, como se costuma dizer (costuma?). Pelo menos até onde eu posso saber, porque desde há uns bons meses que me deu uma completamente caseira; já nem poker jogo, feio (pouco, pouco), jogo Welltris no computador, escrevo (excepto aos amigos, ou melhor, só aos amigos, porque ando a escrever poesia como um fanático e a poesia é um modo, é sempre um modo, de escrever aos amigos — acho eu, mas que sei eu!), e pouco mais, pelo menos que me lembre agora. Ah, e lembro-me muitas vezes de ti!

O "Soroverne" estava lindíssimo, sobretudo com aquele ar de peido da capa (tu o disseste). Dei-o (ao livro) a ler a um amigo que sabe dinamarquês e ele traduziu-no para português: foi uma surpresa total, traduziu-o praticamente como eu — ou lá quem foi — o tinha escrito em português! (Sabes que o tradutor — um bom, um excelente amigo — que o estava a preparar para sair em tureco foi assassinado? Dezasseis facadas, Jorge, a meio da noite, numa autoestrada! E depois de ter visto a notícia no jornal, dois dias depois, recebi uma carta dele, a última que terá escrito. Já não chorava há quatro ou cinco anos!)

Mando-te um livrinho sobre o Porto com (também) uma prosa minha, em francês e tudo. Não dará para matar saudades, mas sempre há-de dar para matar qualquer coisa. E também vai uma coisa (uma couve?) galega. Vou editar uma pequena plaquette de poesia só para os amigos, acho que não vale a pena escrever poesia para mais ninguém (aliás também mais ninguém a lê). Dentro de dias mando-tu; só ainda não saiu porque não lhe arranjo título, queria meter Outono qualquer coisa, mas estou em absoluto défice de quaisquer-coisas e de adjectivos (e nem sei se é um adjectivo que falta, o que sei é que, quando aparecer o reconhecerei, seja lá o que for, e entretanto, que remédio!, espero).

Não vais aparecer por aqui no Natal ou noutra altura qualquer? Aparece! Gostava muito de te ver. Ou, ao menos, escreve. Estou a precisar desesperadamente de cartas. Devo ser operado em Dezembro a uma coisa na coluna por assim dizer vertebral. Suspeito que é de me vergar demais; isto por aqui está cheio de filhos da puta, nunca tinha visto por aqui tantos

filhos da puta por metro quadrado! Acho até que é uma das razões (nunca
linha pensado nisso, mas agora acho que é) por que passo o tempo todo
em casa: em casa sempre tenho as filhas, a mulher, os livros, e memórias,
muitas memórias. Não tornei a ver o Vasconcelos — a curta metragem,
porque o outro, o António Pedro, a longa metragem, o vejo todos os dias
na TV... As nossas amigas estão cada vez mais feias e mais bem colocadas
no matrimónio e na vida (salvo as melhores delas, mas essas, coitadas,
pagam a factura com depressões e terapias de grupo — odeio cada vez
mais psicólogos e psiquiatras, puta que os pariu, que vão espreitar para a
alma da mãe deles: a minha, juro-te, não ma apanham eles!) O resto anda
tudo doido por dinheiro, comem-se uns aos outros por dinheiro, e é bem
feito porque devem saber mal como merda. As crianças são odiosas: andam
por aí em guerra com os fumadores, qualquer dia tenho que sair de estrela
amarela ao peito; já fui ao focinho a um puto que, no meio dum café, me
queria explicar que podia apanhar um cancro no pulmão! Só se salvam os
gatos (como aquele do Cesariny, a olhar o mundo da janela dum quarto
andar), e os velhos: são as poucas coisas — além dos amigos — capazes
ainda de me comover, os gatos e os velhos. Ao menos por eles, pelos
amigos, pelos gatos e pelos velhos do Porto, aparece por aí um dia destes,
Jorge. Antes que isto fique completamente lisboeta.

Um | 12 de março de
1961

M. A. Lima
R. A. João Bosco, 173 - 1.º Esq.

4100 PORTO

Vou a caminho de Leiria (para lá dos passadouros pelo campo para comprar o lápis) e estou ansioso q.t. com a perspectiva de com as malas (e quatro sacos de pastas ainda não tendo "visto" as publicações — e, aqui para nós, tendo esperanças, algumas, de não o obter o tempo, assim sempre me saíva no encargo com a) uma, talvez, significante, isto é, com algumas das coisas...

Não vou aqui escrever a respeito do "diário" e a propósito; antes trazer ao conhecimento que se dizem respeito do "diário de lit. port." de Lima e de "História da lit." de Óscar de Lima (17.ª edição), mais a quem não se trata mais de uma crítica. De resto, de re- pensar, mais do que isso. Entretanto, não vai esquecer de se de novo livros mais, coisas novas para serem: de uma e poesia nacional e outra com poesia por reunir/ e ainda as de críticas (re- publicar, como eu); antes de pensar pelo caminho irai à "leitura" pro arar o "diário de port." para o seu amigo — se ele (o livro, não o seu amigo) não for de estranha ó, porque não é arranger, para os que testarem por outro lado (o lado da crítica de poemas) estas coisas de poesia. Tenho que ir à lavandaria pôr umas coisas e levar a casa (isto é, internamente com as coisas de lá), arrevo- te, de te escrever, sobretudo com notícias ou coisa de género. Além até se não esquecer (lembra-te de mandar-me de mais) nos momentos de AN, etc. — onde mais está o ponto de interrogação